

7. O amor é juízo: mesmo que eu erre, sei o que me corresponde

por Julián Carrón*

Então, continua Dom Giussani – prestemos atenção ao que nasce de uma história particular – “o protagonista da moral é a pessoa inteira, o eu inteiro”. Não uma parte de nós, não um eu que diz “Faço isso porque devo, mas o que eu queria fazer, na verdade, é outra coisa”. Não, o protagonista da moral é o eu inteiro. “E a pessoa tem como lei uma palavra que todos achamos que conhecemos e da qual, depois de muito tempo, se há um mínimo de fidelidade ao que é original em nós, se começa a entrever o significado: amor. A pessoa tem como lei o amor. [Porque] ‘Deus, o Ser, é amor’, escreve São João. O amor é um juízo comovido por uma Presença ligada ao meu destino. É um juízo, como quando se diz: ‘Esse é o Monte Branco’, ‘Este é um grande amigo meu’. O amor é um juízo comovido por uma Presença ligada ao meu destino, que eu descubro, entrevejo, pressinto ligada com o meu destino”, com a minha realização. “Quando João e André o viram pela primeira vez e ouviram ‘Vinde para a minha casa. Vinde e vede’, e ficaram todas aquelas horas ouvindo-o falar, não entendiam, mas pressentiam que aquela pessoa estava ligada ao destino deles. Tinham ouvido a todos aqueles que falavam em público, tinham ouvido seus pareceres e os de todos os partidos; mas só aquele Homem estava ligado ao destino deles”,¹ correspondia à espera deles. Que libertação! O amor é um juízo que nasce dessa correspondência. Mesmo se eu erro, sei bem o que me corresponde: Cristo. Mesmo se às vezes prefiro outra coisa, sei bem onde está a minha realização. Eu te amo por isso, ó Cristo. Posso afastar-me de Ti, mas não posso ir para longe de Ti sem me perder.

Por isso, “a moralidade cristã é a revolução na terra, porque não é uma lista de leis, mas é um amor pelo ser: uma pessoa pode errar mil vezes e sempre será perdoada, sempre será retomada e retomará seu passo no caminho, se seu coração [ele usa a condicional, atenção!] recomeçar com o ‘sim’”. A moral cristã não é mecânica, não é automática, não significa que tudo seja igual, porque exige uma condição: que o coração recomece com o “sim”. “O importante daquele ‘Sim, Senhor, eu te amo’ é o inclinar-se de toda a própria pessoa, determinada pela consciência de que Cristo é Deus e pelo amor por esse Homem que veio por mim: toda a consciência é determinada por isso, e eu posso errar mil vezes ao dia, ao ponto de ter vergonha de levantar a cabeça, mas ninguém me tira essa certeza. Apenas peço ao Senhor, »

*Do livreto dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2016.

© 2016 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón «*Eu te amei com amor eterno, tive piedade do teu nada*».

» peço ao Espírito que me mude, que me faça imitador de Cristo, que minha presença se torne mais como a de Cristo. [...] Podem repreender-me por cem mil erros, podem mandar-me a julgamento, o juiz pode mandar-me prender sem nem sequer me investigar, com uma injustiça escancarada, sem considerar se fiz ou não fiz, mas não me podem tirar esse apego que continuamente faz estremecer meu desejo de bem, ou seja, de adesão a Ele. Porque o bem não é o ‘bem’, mas é a adesão a Ele. [Ele é o bem] [...] Seguir esse rosto, sua Presença, levar sua Presença a toda parte, falar d’Ele para todos, a fim de que essa presença domine o mundo – o fim do mundo vai ser no momento em que essa Presença se tornar evidente para todos.”²

Pela centralidade do ponto, e sabendo que nós também temos cabeça dura, Dom Giussani repete: “Esta é a moral nova: é um amor, não regras para seguir. E o mal é ofender o objeto do amor ou esquecê-lo. Depois, analisando com humildade todos os rumos e viradas da vida de um homem, pode-se muito bem dizer: ‘Isso seria mau, isso seria bom’, elencar, pondo-os em ordem, todos os erros em que o homem pode incorrer: pode-se fazer, enfim, um livro de moral. Mas a moral está em mim, que amo Aquele que me fez e que está aqui. Se não fosse por isso, eu poderia usar a moral exclusivamente para afirmar uma vantagem minha; seria, em todo caso, desesperador. Seria bom ler Pasolini ou Pavese para entender; não, basta lembrar-se de Judas”.³

¹ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*. Milão: Rizzoli, 1998, p. 89-90.

² *Ibidem*, p. 90-91.

³ *Ibidem*, p. 91.